

# Estudo de Casos: metodologia

Muitas questões relacionadas com a evolução do conceito de desenvolvimento têm sido colocadas ao longo do tempo, partindo da constatação da complexidade e globalidade do mesmo. Sendo uma questão de foro muito teórico e cuja orientação depende dos modelos conceptuais que se utilizem, importa conhecer as **diferentes formas de actuação que, em função da evolução dos diferentes conceitos de desenvolvimento, têm surgido ao longo das últimas décadas e que se têm traduzido em projectos de intervenção concretos.**

A evolução do conceito de desenvolvimento (do crescimento económico ao desenvolvimento sustentável, passando pelo desenvolvimento local e pelo desenvolvimento social) traduz as diferentes perspectivas que o mesmo foi integrando ao longo das últimas décadas, de acordo com os factores que eram mais privilegiados na sua concepção — o ambiente, a comunidade ou os direitos humanos — e o reconhecimento que as principais instituições internacionais (OCDE, Banco Mundial, UE) foram concedendo ao conceito através de estudos e publicações que os foram legitimando, mas também da sua presença em muitos dos projectos que foram desenvolvidos tanto na Europa, como nos países menos desenvolvidos.

É necessário distinguir os modelos de intervenção que surgem a partir de 1950, quando o “discurso” do desenvolvimento começa a substituir a visão economicista e o olhar colonial sobre os países mais pobres. É também nesta altura que se concretizam as diferentes formas e modelos de intervenção para o desenvolvimento, no início mais centrados na ajuda dos países mais ricos aos países pobres e, posteriormente, focalizados também nas bolsas de pobreza dos países do Norte, onde as preocupações com questões como a integração económica, a emigração e a segurança têm vindo a ocupar um lugar cada vez mais importante nas análises dos especialistas. Estas duas análises — do conceito e das formas de intervenção — permitem conhecer um pouco a evolução do desenvolvimento e de como esta foi traduzindo a concepção de sociedade de quem os elaborou e defendeu, pondo em evidência a complexidade do conceito, nas suas facetas técnicas, culturais, políticas, sociais e económicas.

*O que é preciso: quadro, papel e caneta, retroprojector, fotocópias dos 3 casos práticos, acetatos sobre conceitos e modelos e quadro resumo.*

*Tempo previsto: 1 hora e 30 minutos*

### Método/Instruções

#### 1. Chuva de ideias sobre o conceito de Desenvolvimento (5min)

Pretende-se com esta dinâmica despoletar uma discussão a partir das ideias de cada participante sobre o desenvolvi-

mento. Não se pretende, nesta altura, chegar a um conceito de desenvolvimento final comum, mas sim compreender que existem várias perspectivas e que cada um de nós privilegia (ou não) determinada vertente, todas igualmente importantes. A chuva de ideias remete-nos para a polissemia e multidimensionalidade do conceito.

Desta maneira, o educador lança o desafio aos participantes para que digam palavras que na perspectiva de cada um deles seja sinónimo de desenvolvimento (“O que é para vocês o desenvolvimento?” Numa palavra).

Como conclusão da chuva de ideias, o educador perguntará aos participantes: porque surgiram de imediato estes conceitos? O que estará subjacente a estes? Para finalizar, o educador deverá referir que obviamente surgem aspectos considerados por todos como importantes e que a dificuldade que se sente relaciona-se com a complexidade e multidimensionalidade do conceito.

#### 2. Análise de Casos (25min)

Dividindo os participantes em 3 grupos, é entregue a cada grupo um **Caso** (ver **Casos** nas páginas seguintes) que descreve iniciativas que eles terão de identificar como:

- sendo ou não de desenvolvimento
- pontos positivos e pontos menos positivos
- sugestões para que os pontos menos positivos se tornem mais positivos

#### Apresentação em plenário das conclusões dos grupos (30min).

3. A partir das ideias e sugestões lançadas pelos diferentes grupos quanto ao que se entende por desenvolvimento, o educador deverá lançar a questão “Terá sido sempre assim?”, “Terão estas preocupações existido sempre quando se falava de desenvolvimento ou terá mudado com o tempo? Sob influência de que factores? O que tem contribuído para a mudança deste conceito?”.

#### 4. A partir do debate que vai surgindo, o educador orienta e reforça as ideias que vão aparecendo (30min):

- 4.1. Conceito que surge, enquanto conceito científico, no período pós-guerra (II Guerra Mundial), muito voltado para as preocupações de reconstrução europeia, apesar de anteriormente as preocupações de progresso e crescimento existirem;
- 4.2. Influenciado por diversos marcos históricos, sendo os dois mais importantes a **Revolução Francesa** (ao nível ideológico) e a **Revolução Industrial** (ao nível material);

- 4.3. Já no séc. XVIII se falava, ainda que utilizando outros termos, do conceito de desenvolvimento ao se analisar a riqueza das nações;
- 4.4. Resumir que em determinadas alturas e contextos históricos, a visão daquilo que devia ser o desenvolvimento foi mudando. Assim, podemos identificar quatro momentos diferentes que marcaram a evolução deste conceito:

- em que os pressupostos de modernização e industrialização significariam desenvolvimento, sendo que todos os que não cumprissem estes requisitos eram denominados subdesenvolvidos;
- em que o desenvolvimento, associado a forças e ideais políticos assentava sobretudo nas nacionalizações (Bloco socialista-comunista);
- em que desenvolvimento estava relacionado com a globalização (financeira, mercados de trabalho,...) assentando numa lógica neo-liberal, sendo que todos aqueles que não integrassem o mercado seriam considerados 3.º mundistas (África e Ásia — excepção: Japão);
- rapidamente (desde 1970) se foi percebendo que nenhum destes modelos se aplicava a nível universal e que todos tinham trazido consequências sociais e ambientais muito graves, não tendo, por comparação, beneficiado tanta gente (atendendo aos resultados).

- 4.5. Esta visão, estes diferentes momentos não são aplicáveis a todos os países. O próprio conceito de desenvolvimento é centrado no processo de desenvolvimento europeu (aliás, o próprio conceito de desenvolvimento nasce na Europa), mas retrata as mudanças que foram surgindo na maneira de analisar o desenvolvimento, bem como os factores que em determinada altura influenciaram de forma mais marcada o conceito de desenvolvimento.
- 4.6. À medida que se iam fazendo sentir as consequências (sobretudo as negativas) das diferentes intervenções ao nível da prática, outras visões sobre o desenvolvimento iam surgindo, relacionadas exactamente com estas diferentes preocupações (apresentar acetato/*PowerPoint* ou fotocópia): ambientais, pessoas e comunidades, direitos humanos e desenvolvimento integrado.

### A Evolução dos “Novos” Conceitos de Desenvolvimento

<b>Ambiente</b>	Eco-Desenvolvimento (1972) Desenvolvimento Alternativo ...	• Desenvolvimento Sustentável <i>1987, Relatório Brundtland</i> <i>“our common future”</i>
<b>Comunidade</b>	Desenvolvimento Comunitário (60s) Desenvolvimento Endógeno ...	• Desenvolvimento Participativo <i>Anos 80s, ligado às práticas de ONGs - Empowerment</i> • Desenvolvimento Local <i>Anos 80s, ligado a associações de base local e novas correntes territorialistas</i>
<b>Direitos Humanos</b>	“Basic Needs” (anos 70) (ONU, ONGs, ...)	• Desenvolvimento Humano <i>1990, Relatório Desenvolvimento Humano do PNUD</i> • Desenvolvimento Social <i>1995, Cimeira de Copenhaga</i>

- 4.7. Como fundamento e enquadramento da acção da Rede Nacional de Consumo Responsável, o conceito que melhor se enquadra é o do **Desenvolvimento Local** proposto pelo Prof. Rogério Roque Amaro (mostrar acetato).

#### Desenvolvimento local:

- é um processo de mudança, de base comunitária; tem normalmente como ponto de partida necessidades para satisfazer, às quais se procura responder, mobilizando prioritariamente as capacidades locais,
- implicando uma dinâmica e uma pedagogia de participação, reconhecendo a importância dos factores exógenos, desde que fertilizem e não substituam e inibam os recursos endógenos numa perspectiva integrada,
- exige uma lógica de parceria, com impacto tendencial em toda a comunidade, segundo uma grande diversidade de pontos de partida, protagonistas de caminhos de solução ritmos e resultados.

#### Prof. Rogério Roque Amaro

Mestrado em “ Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais” - ISCTE, 2002.

## Estudo de Casos: Casos Práticos

### Caso 1

A aldeia da Figueira é uma aldeia serrana isolada na serra do Caldeirão, em risco de desertificação humana.

A equipa da Associação In Loco, exterior a esta comunidade, consciente de que não conhecia profundamente a zona de intervenção e, por isso, não sabia o que e como fazer, desenvolveu uma abordagem que lhe permitisse entrar na comunidade, mobilizar as pessoas, apoiar o lançamento de actividades e ir aprendendo sobre o território e a sua cultura.

Começou por ouvir vários elementos. O presidente da Junta de Freguesia desta região sonhava com a possibilidade de vir a instalar uma fábrica na sua freguesia. Seria o progresso: “as pessoas tinham emprego, os jovens já não precisavam de ir embora, nasciam crianças na terra”. Para além disso, desejava contribuir para a recuperação da tecelagem tradicional da zona. Entretanto, muitas mulheres desta comunidade, sem ocupação fora de casa, aspiravam ter um espaço de socialização e uma actividade que lhes garantisse um rendimento. Há muito tempo que uma jovem tecedeira da freguesia pensava fazer da actividade de tecelagem, que aprendera com a sua mãe, a sua profissão.

A equipa procurou reunir a informação disponível na zona serrana sobre esta actividade tradicional. Em conjunto visitou tecedeiras e foi descobrindo a sua cultura. Ao longo da investigação deu-se conta de que o número das tecedeiras que ainda teciam era muito diminuto. Não que não gostassem, pelo contrário. Quase todas tinham aprendido com a sua mãe, ou com outro elemento feminino da família. Não teciam porque os seus maridos tinham achado a sua actividade pouco importante para a família e alguns inclusivamente consideravam os seus teares um estorvo dentro das suas casas.

Percebeu-se que o problema em torno da tecelagem era sentido por várias pessoas, para o qual pretendiam encontrar uma resposta.

O papel da equipa foi assim, colocar os vários elementos em diálogo e constituir uma equipa com elementos locais e elementos da equipa técnica externos à comunidade, responsável por equacionar o problema, pensar nas várias soluções, e perceber qual a que permitiria responder melhor às diferentes componentes do problema. Dar emprego a várias pessoas da comunidade, criar uma indústria na região, dar continuidade à actividade tradicional da tecelagem, valorizar os saberes das mulheres.

Começou assim a planear-se e organizar-se uma formação na área da tecelagem manual. Os participantes locais assumiram papéis diferentes consoante as suas capacida-

des: o presidente da Junta de Freguesia assumiu o apoio e mediação com a Câmara Municipal nas vertentes logística e financeira da formação, a jovem tecedeira tornou-se monitora local do curso, e algumas mulheres foram seleccionadas para formandas.

A formação foi assim pensada com vista a que estas formandas pudessem aprofundar os conhecimentos de tecelagem manual, utilizar estes saberes na constituição de uma actividade profissional, adequar a função da tecelagem manual às exigências de uma sociedade industrializada e moderna, ultrapassar o perigo da sua extinção, optando por outras técnicas e estéticas e aprender sobre como gerir um projecto empresarial.

Fonte: Adaptado a partir de material do Centro de Formação para o Voluntariado do ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária.

### Caso 2

A X, Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, sediada em Londres, actua em diferentes áreas de intervenção, desde a integração profissional e social de imigrantes de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> geração indianos até a acções de sensibilização e formação no âmbito da luta contra a xenofobia.

A X desenvolve também projectos de cooperação centralizada e descentralizada com diferentes países como a Índia, o Paquistão, Angola e Brasil. Em cada um destes países possui representantes locais e logística de apoio ao desenvolvimento das suas actividades. Não têm a tradição de trabalho em parceria com outras organizações.

O âmbito de actuação da X nestes países é diferente. No Brasil desenvolve acções de alfabetização. No Paquistão, o tipo de apoio é sobretudo de emergência. Na Índia, possui um centro de documentação à disposição das populações locais.

O último projecto aprovado pela Comissão Europeia foi o projecto de Angola. Resultado das prioridades definidas pela Comissão, numa altura em que se considera que Angola se encontra numa fase de desenvolvimento, urge investir em áreas como a Educação e a Saúde, consideradas pela mesma entidade como fundamentais para o desenvolvimento do país.

A organização X elaborou uma candidatura que apresentou à Comissão Europeia e recebeu a notícia de que tinha sido aprovado o referido projecto com a duração de dois anos.

Foi construído um Centro de Saúde no Município da Tchicala-Tcholahanga (que é a sede deste Município), devendo este servir também às populações das aldeias circundantes. Para garantir a prestação dos serviços de saúde, foram contratados três enfermeiros e um médico expatriados para

assegurarem apoio médico especializado. Foram também garantidos os medicamentos durante todo o tempo do projecto. Foram desenvolvidas várias acções de saúde pública, que integravam campanhas de sensibilização e promoção de cuidados primários de saúde, e a oferta de redes mosquiteiras para as famílias, distribuídas por carro adquirido para o projecto.

Os resultados do projecto não poderiam ter sido melhores. A taxa de mortalidade diminuiu, a percentagem de mulheres que sobreviveram ao parto aumentou, o número de doentes com malária diminuiu.

Para além destes aspectos relacionados com a área da Saúde, foi também reorganizado todo o processo de gestão do Centro de Saúde. Fichas clínicas dos utentes do Centro, registos organizados do historial clínico, tudo funcional e bem organizado.

O projecto caminha agora para o final estando já marcada a “entrega oficial” do Centro de Saúde e do carro à Administração Local e respectivos responsáveis. A equipa de expatriados depara-se neste momento com algumas dificuldades quanto a esta passagem. A Administração Local recusa-se a assinar um protocolo garantindo que o carro só será utilizado para questões relacionadas com assuntos de Saúde argumentando que num município pobre são muitas as dificuldades sentidas e que, por isso, o carro deve estar à disposição de todos os responsáveis locais nas diferentes áreas de intervenção. Por outro lado, reivindicam a continuação do envio de medicamentos, dizendo que um Centro de Saúde sem medicamentos não tem razão de existir.

A Direcção Provincial do Huambo colocou já no município um médico e dois enfermeiros locais que deverão iniciar as suas funções assim que a equipa partir.

Fonte: Adaptado a partir de material do Centro de Formação para o Voluntariado do ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária.

### Caso 3

A “Tinguena” — Esta Terra é Nossa, Organização Não Governamental guineense promove, todos os anos, no âmbito do seu programa de informação e sensibilização, campanhas de sensibilização sobre os diferentes locais no interior deste país, com interesse histórico, económico e ambiental.

O objectivo desta acção prende-se com o facto de permitir à população local, crianças, jovens e adultos, e também às autoridades competentes (tradicionais e estatais), reflectirem e agirem sobre as potencialidades naturais e humanas existentes, bem como sobre os principais constrangimentos ao desenvolvimento.

Neste contexto, a campanha inicia-se com uma visita de duas dezenas de alunos de escolas secundárias (públicas

e privadas), durante uma semana, apreendendo o “*modus vivendi*” das tabancas (aldeias), num intercâmbio com os seus colegas, através de jogos e de visitas acompanhadas a escolas, florestas e rios.

Numa segunda fase, as crianças das localidades visitadas deslocam-se à capital, Bissau, cumprindo também o mesmo programa dos seus colegas, mas com a particularidade de ficarem alojados na casa dos mesmos e contactarem com responsáveis do Governo.

No final da campanha, esta organização encarrega-se de preparar concursos pedagógicos aos visitantes, em modalidades como conto, jornal mural, composição, poesia, desenho e pintura, sendo os melhores publicados numa brochura.

Estas crianças, acompanhadas pelos responsáveis desta organização, desenvolvem sessões de esclarecimento das actividades nas suas escolas, junto dos colegas que não tiveram oportunidade de participar, e ainda colaboram em vários debates radiofónicos e televisivos, dando a conhecer, deste modo, de uma forma mais abrangente, a realidade constatada e vivida.

Posteriormente, todas as crianças participantes nas visitas têm a possibilidade de se integrar numa colectividade de voluntários designada por Geração Nova da Tinguena. Este grupo não só integra as crianças que já participaram numa das visitas, mas também aceita como membros simpatizantes, os alunos que não participaram, mas que têm espírito ambiental e de solidariedade e se dedicam às causas do voluntariado.

Fonte: Adaptado a partir de material do Centro de Formação para o Voluntariado do ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária.